

Nota de Leitura

La Presse d'Éducation et d'Enseignement (1941-1990): répertoire analytique

autora	Pénélope Caspard-Karydis
cidade	Paris
editora	Institut National de Recherche Pédagogique
ano	2000-2005

Situado no prolongamento direto de uma série de quatro volumes consagrados aos periódicos educacionais editados na França do século XVIII a 1940, como explicita Pénélope Caspard-Karydis, na Introdução, o repertório sobre a imprensa da educação e do ensino agora se completa com o lançamento de mais quatro tomos, referentes ao período de 1941 a 1990. Em aproximadamente 5.000 páginas, 3.741 revistas são descritas. Cada verbete compreende uma breve informação bibliográfica (título, subtítulo, período de existência, órgão editor, filiação a outras revistas, comitê editorial, periodicidade, formato, número de páginas, preço, tiragem e lugar de edição); um excerto com os objetivos da publicação; a relação dos principais temas abordados pelo periódico ao longo de sua história; e a localização do impresso na Biblioteca Nacional de França.

A disposição dos verbetes respeita a seqüência alfabética do título do periódico. No primeiro volume da nova coleção, encontramos relacionadas as revistas de A a D; no segundo, de E a K; no terceiro, de L a Q; e no quarto de R a Z. Ao final de cada tomo, índices geográficos, onomásticos, temáticos, cronológicos, de estabelecimentos, associações e organismos e das revistas mencionadas nas notícias do repertório reenviam o leitor às múltiplas possibilidades de busca e entrecruzamento das informações, permitindo tanto acesso a dados específicos quanto a constituição de novas séries. Nesse sentido, oferece subsídios não apenas aos historiadores da educação, como a pesquisadores interessados em outros temas como

religião, família, infância (abandonada, em risco, delinqüente), cinema e música, dentre muitos outros.

Ao manusear os impressos dessa segunda fase, Pénélope Caspard-Karydis pôde perceber aspectos importantes da história das edições na França. Destaco, aqui, apenas dois. O primeiro deles foi a constatação de que a Segunda Grande Guerra não constituiu para os periódicos educacionais uma ruptura radical. A desorganização material e humana de suas redações, o espaçamento da periodicidade e a perda de parte dos assinantes não significaram o abandono das publicações, particularmente por parte da imprensa ligada aos movimentos e associações de jovens. Se a divisão da França em duas partes – zona ocupada pelos nazistas e zona livre – impôs alterações no funcionamento das associações ou editoras, subterfúgios foram criados de forma que se garantisse a circulação dos impressos. As que estabeleceram a sede na zona livre muitas vezes se valearam do expediente de publicar duas edições com títulos diferentes para manter contato com os filiados. Outras, que se mantiveram na zona ocupada, com o intuito de contornar as proibições de publicação, recorreram à prática de mudar o título do periódico a cada número editado.

Outro aspecto percebido pela autora foi a rapidez com que os periódicos repercutiram as revoltas ocorridas contra a escola, a família, o poder e a autoridade nos anos de 1960 na França. Maio de 1968 foi objeto de análise e discussão por parte da maioria das revistas, provocando mudanças nas linhas editoriais. Na década seguinte, alguns impressos adotaram atitudes revolucionárias ou provocadoras. Temas que até então eram tabus, como sexo, drogas e abortos, passaram a figurar nas páginas dos periódicos de educação e ensino, associados a outros como desemprego, solidão e suicídio, demonstrando uma nova concepção de jovem, do papel social da escola e da função da imprensa especializada.

Apesar da abrangência do repertório analítico, em seus oito volumes, ressalva Pénélope Caspard-Karydis que ele contém apenas uma parcela dos periódicos franceses sobre educação e ensino. Não foram analisados a imprensa sindical, os boletins de alunos, os jornais escolares, os relatórios de congressos e os anuários. Essas fontes têm sido objeto de outros levantamentos e devem receber um tratamento específico posterior, o que significa a promessa de conti-

nuidade do empreendimento. Promessa, aliás, que se expressa também no desejo manifesto pela autora de efetuar uma revisão dos volumes iniciais editados entre 1981 e 1991. É, de fato, louvável o entusiasmo da pesquisadora.

Diana Gonçalves Vidal

Professora de história da educação na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. Coordenadora do Núcleo Interdisciplinar de Estudos e Pesquisas em História da Educação (NIEPHE) na mesma instituição e pesquisadora do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq)

Endereço para correspondência

Avenida da Universidade, 308

sala 219 – Bloco A

São Paulo-SP

CEP 05508-900

dvidal@usp.br

Recebido em: 20 maio 2006

Aprovado em: 1 jun. 2006